



12º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

TÍTULO DO CONTO: NÃO ALIMENTE O PEIXE MORTO

Autor(es)

GIOVANNA ARTIGIANI

Contos / Cricas

“Não alimente o peixe morto” Marina Millefiori

A chegada do fim de ano mais uma vez provoca em mim um enorme sensação de angústia. Sinto-me imensamente gorda, embora esteja de regime há mais de um mês. Esse clima artificial de cordialidade, assumido por todos no final de cada ano, irrita-me profundamente. Eu tenho que ir à festa de confraternização do prédio, tenho que levar “aquele peixe delicioso” que eu levo todos os anos, e não irei comê-lo. Disfarçarei, montarei um prato para fazer cena, pois na verdade já terei almoçado antes minha esquelética ração de regime, e não cairei em tentação sob a pena de amargar horas e horas de culpa e raiva de mim mesma, por sabotar meu próprio regime. Sinto raiva do mundo. Comería um pote inteiro de doce de leite, se pudesse, e para não cair nessa tentação, mantenho minha geladeira somente com água e algum alimento cuidadosamente escolhido para a próxima refeição imediata. Mas, agora, aquele peixe está na geladeira e eu irei temperá-lo com alecrim e limão.

Um peixe é um alimento inteiro, visualiza-se o bicho como um todo, não é como mexer em um bife, onde não se enxerga uma vaca. Um peixe tem olhos, tem boca, tem um aspecto vivo, de alguma forma, e esses são meus pensamentos durante a ação de temperá-lo. Acomodo o peixe aromatizado de volta na forma e cubro-o com papel filme, deixando um respiro no plástico, perto da cara dele. É noite, vou tomar banho e ir dormir, amanhã será o dia da confraternização. Mas quem é que dorme com fome? Quem é que dorme com frio? Dormir exige saciedade do corpo. Ensinam-me: “tome três copos de água que a fome passa”. Faço isso e continuo rolando na cama. Às duas horas da manhã, decido tomar o iogurte que tenho na geladeira, cuidadosamente escolhido para o café da manhã.

Abro a geladeira e observo estupefata que meu iogurte foi aberto e devorado, lá na prateleira só resta o pote vazio e a tampa de alumínio. Fecho a geladeira com raiva e desconfio do peixe. Abro a geladeira novamente e olho bem pra ele, que me apresenta um semblante calmo, alimentado. Ele covardemente comeu o único alimento disponível na casa, um gesto desleal. Volto para a cama, duvidando da minha própria sanidade, e ao mesmo tempo convenço-me de que não há outro suspeito disponível na casa.

Acordo-me bem cedo, digo bom-dia ao peixe, que não me parece se sentir culpado. Mas informo-lhe que será devorado em algumas horas e saio. Vou à padaria comprar um novo iogurte.

Ao retornar ao prédio, vejo que há uma movimentação anormal na portaria e decido que, após guardar o carro na garagem, informar-me-ei sobre o motivo daquele burburinho. Bebo o iogurte no carro mesmo, tenho fome urgente. Dirijo-me à portaria e vejo que as pessoas estão agitadas, o porteiro foi encontrado morto, sem sinais de violência, suspeitam de um infarto fulminante ocorrido na madrugada. Todos aguardam a chegada da polícia e da família daquele porteiro de quem eu mesma nem sabia o nome até então: Oswaldo. A festa foi cancelada.

Subo para o meu apartamento, pasma. A vida é mesmo cheia de coisas inesperadas. Abro a geladeira e conto as novidades para o peixe. Sua vida será poupada em respeito à morte súbita do porteiro. Retiro o papel filme para que ele possa ficar mais confortável, já que sua estada será mais longa.

Meu sábado fica de repente desprogramado; o que eu farei agora? Decido ocupar-me em limpar o meu armário da cozinha. Ao sentir fome bebo água, continuando o trabalho. Na hora do almoço, desço evitando passar pela portaria onde pessoas comentam os fatos envolvidos na morte do porteiro. Vou a um restaurante pesar meu prato de saladas, peito de frango grelhado e uma colher de arroz com uma colher de feijão. Devoro tudo, até o último grão. Na volta para casa, passo na quitanda e compro uma maçã, duas cenouras e um pé de alface que serão meu lanche e jantar.

Chego em casa e coloco tudo na geladeira, olho o peixe com atenção e me pergunto o que farei com ele. Noto que sua boca se mexe e me aproximo. Escuto-o falar bem baixo a palavra sorvete. Penso que é natural que no dia em que você descobre que não vai ser devorado deseje tomar sorvete. A vida é curta, afinal, e provavelmente o porteiro Oswaldo morreu sem tomar sorvete. Saio de casa a pé, passo na portaria e pergunto aos presentes se alguém poderia me informar qual era o sabor preferido de sorvete do finado porteiro.

---

O filho dele, presente no local recolhendo os pertences do pai, revela-me que o pai apreciava sorvete de flocos.

Na padaria, compro um grande pote de sorvete de flocos, retorno para minha casa e coloco-o na geladeira, aberto, com uma colher dentro para o peixe poder comê-lo. Ele pisca para mim, mas vejo que ele já comeu minha maçã. Ingrato. Mas o perdoo. Não é fácil sentir fome.

A cada dez minutos, abro a geladeira e vejo que o pote está ficando mais vazio. Esse peixe gosta mesmo de sorvete, flocos deve ser também o seu sabor preferido. O peixe está com uma aparência melhor, parece mais corado e cheio. Elogio-o por isso e decido limpar a estante de livros.

Ao final de uma semana, já me acostumei a dividir o apartamento com o peixe, embora ele coma quase todas as minhas comidas – notei que de alface ele não gosta e que tem predileção pelas sobremesas que eu trago especialmente para ele. Minha faxineira veio na sexta-feira e me deixou um bilhete dizendo que não mexeu no peixe porque não sabia se devia, embora ele já não parecesse fresco. Pobrezinha... Não poderia compreender a natureza de nossa amizade.

Mas o peixe vem, aos poucos, bem ladino, se tornando abusado. Mesmo eu lhe dizendo que não deve comer as minhas comidas, ele insiste em devorar qualquer coisa que eu coloque na geladeira. Eu trago pratinhos com doces e salgados das festas às quais eu vou – e onde não como nada, nunca – especialmente para ele, e, em poucos minutos, ele deixa só a embalagem. Acho que é demais, eu de regime desse jeito e ele já começa a ficar roliço e a falar cada vez mais, fazendo até exigências, como sonhos recheados, pavê de nozes e quindins. Dei-lhe um basta, informei-o de maneira firme, mas com doçura, que de agora em diante ele pode ficar, mas só comerá as mesmas coisas que eu. Ele reagiu mal, passou a me dizer desaforos todas as vezes que eu abro a geladeira e o pior, continua a comer a minha comida e a dele, sem piedade de mim.

Entendi que ele precisa de compreensão; é completamente plausível alguém ficar muito mal-humorado ao se submeter a um regime de restrição alimentar. Conversei com ele e lhe mostrei que eu sou absolutamente empática à situação dele, ele disse palavras de aconchego e esperança. Deixei um bilhete para a minha faxineira colado em letras grandes na porta da geladeira: “Não alimente o peixe morto”.

Na sexta-feira à noite, eu trouxe dois pedaços de pizza para o meu peixe, frutos do happy hour com os amigos do escritório, mas não o encontrei na geladeira. Sob a mesa, um bilhete de minha insensível faxineira dizendo: “Joguei o peixe fora, cheirava muito mal”. Que criatura insensível. Como eu poderia pensar que ela entenderia a presença do peixe morando na minha geladeira? Saí de casa dirigindo rápido, eu precisava comprar outro peixe imediatamente. Entrei esbaforida num supermercado 24 horas e comprei um peixe igualzinho ao primeiro. Em casa, deitei-o na forma, espreguei-lhe limão e joguei umas folhas de alecrim sobre ele. Pronto, ninguém diria que não é o mesmo peixe. Expliquei as regras ao novo habitante da minha geladeira e lhe dei a pizza como sinal de boas-vindas. Ele agradeceu, educado.

Na sexta-feira seguinte, a faxineira jogou fora meu peixe mais uma vez e me deixou um bilhete muito estranho: “Desculpe, precisei jogar fora de novo o peixe, cheirava mal também. Joguei no lixo também todas as embalagens com restos de comida que encontrei no armário do banheiro e do quarto. Não vou poder mais vir fazer a limpeza para a senhora, me desculpe.”

Essa é boa! Ela sabe muito bem que os peixes não têm pernas para esconder coisas nos armários, e agora essa, pôr a culpa no peixe. Saí imediatamente para comprar outro peixe, temperá-lo e aconchegá-lo em minha geladeira. Pelo menos nos peixes eu posso confiar.